

APRESENTAÇÃO

A tradução atravessa uma boa fase no Brasil atualmente. O leitor brasileiro já pode ter acesso, em português, a obras fundamentais como The Cantos, de Ezra Pound e Tristram Shandy, de Laurence Sterne, assim como à poesia exigente de Wallace Stevens, e. e. cummings, Paul Valéry e Maiakóvski, entre outros. Pela primeira vez temos acesso a traduções diretas do alemão de Kafka, Nietzsche e Freud -- que antes eram vertidos a partir de uma língua intermediária. O movimento tradutório é amplo e abarca quase todas as áreas; é como se o país descobrisse, de repente, que sua inserção na modernidade passa necessariamente por traduzir o outro. Entre os livros traduzidos estão também os de teoria da tradução, infelizmente ainda em pequeno número.

Se a prática da tradução tem conhecido uma expansão admirável entre nós, o mesmo não acontece com a crítica e a teoria da tradução, apesar de esforços e realizações isolados. A maior parte dos livros traduzidos para o português não receberam a atenção devida. Os tradutores, mal pagos, e sempre pressionados pelas editoras para realizar sua atividade com uma rapidez imprudente, são levados ou arrasados, em geral sem um cotejo cuidadoso do texto original com o traduzido. Na universidade, salvo boas exceções, a reflexão sobre as questões de tradução ocupa um espaço apenas marginal.

Este número da Ilha do Desterro tenta, justamente, contribuir para um melhor conhecimento do fenômeno da tradução em seus

múltiplos aspectos, através de estudos brasileiros e estrangeiros ligados a várias instituições do país e do exterior. Assim, abrimos este número com dois textos teóricos: o primeiro sobre tradução e interpretação, de Marta Steinberg e o segundo, tratando o problema clássico da tradução literal, de Francis Aubert. Em seguida, apresentamos um artigo de Nelly Novaes Coelho sobre o papel central desempenhado pela tradução na difusão e na criação da literatura infantil/juvenil. Chegamos, então, no momento da crítica de obras concretas traduzidas para o português, com um bloco de três artigos: Sérgio Luiz Prado Bellei olha em detalhe (de uma perspectiva comparatista) o "The Raven" de Machado de Assis, enquanto Philippe Rumbé se detém no Tristram Shandy e o autor desta apresentação examina as muitas facetas brasileiras da poesia de Emily Dickinson.

Para registro, reproduzimos o belo e pouco conhecido "Las versiones homéricas" de Jorge Luis Borges. Seguimos com uma entrevista com o poeta e tradutor Sebastião Uchoa Leite, que nos dá uma visão interna do métier. Fecham o número, três resenhas de livros publicados recentemente (dois no Brasil, um na Holanda) e uma bibliografia básica, que inclui material de referência, uma lista das publicações especializadas, livros e artigos teóricos e críticos.

Quero, finalmente, agradecer a colaboração de Liane Salete Silvestri, que me ajudou a montar a bibliografia. E aos colaboradores que, tendo atendido prontamente à solicitação, esperaram longo tempo para ver seus artigos publicados.

Walter Carlos Costa